

Snow Fall: Uma avalanche de criatividade e de desafios para o Ensino de Jornalismo¹

Snow Fall:

An avalanche of creativity and challenges to journalism education

Beatriz Becker

Professora Associada do Programa de Pós-Graduação e do Departamento de Expressões e Linguagens da Escola de Comunicação da Universidade Federal Fluminense do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ), Brasil e bolsista de Produtividade do CNPQ.

Ivone Barreira

Mestranda do Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil.

¹ Trabalho apresentado no XI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) realizado na Universidade Nacional de Brasília (UNB), em Brasília, Brasil, 2013.



Ao citar este artigo, utilize a seguinte referência bibliográfica

BECKER, Beatriz; BARREIRA, Ivone. *Snow Fall: uma avalanche de criatividade e de desafios para o Ensino de Jornalismo*. In: **Revista Contracampo**, v. 28, n. 3, ed. dez-mar ano 2013. Niterói: Contracampo, 2013. Pags: 73-91

Edição 28/2013

Contracampo

Niterói (RJ), v. 28, n. 3, dez-mar/2013.

www.uff.br/contracampo

e-ISSN 2238-2577

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como

Resumo

A partir da compreensão das narrativas jornalísticas multimídia como uma das escrituras mais inovadoras do século XXI e da repercussão da reportagem *Snow Fall*, este artigo propõe uma reflexão sobre transformações que a mistura de linguagens e suportes impõe à formação dos futuros jornalistas. Assume-se que o aperfeiçoamento das grades curriculares e dos processos de aprendizagem pode colaborar para práticas profissionais de maior qualidade, porém os cursos precisam ser repensados. Neste trabalho são focalizados desafios enfrentados por universidades no Brasil e em Portugal, mais especificamente as experiências de ensino na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e no curso de Ciências da Comunicação, Assessoria, Jornalismo e Multimídia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Palavras-chave: Ensino de jornalismo; Narrativas jornalísticas multimídia; *Snow Fall*.

Abstract

From the understanding of multimedia journalistic narratives as one of the most innovative Scriptures of the 21st century and of the impact of the report *Snow Fall*, this paper proposes a reflection on the transformations that the mixture of languages and supports require to the training of future journalists. It is assumed that the improvement of curricular grids and learning processes can contribute to higher quality professional practices, however the courses need to be rethought. In this work are focused challenges faced by universities in Brazil and in Portugal, more specifically the experiences of journalism education in the School of Communication from the Federal University of Rio de Janeiro and in the Course of Communication Sciences, Advice, Journalism and Multimedia from the Faculty of Letters of the University of Porto.

Keywords: Journalism education; Journalistic multimedia narratives; *Snow Fall*.

Introdução

As rotinas produtivas jornalísticas sempre sofreram influência da tecnologia para a escolha, produção e disseminação da informação (DEUZE, 2006). Hoje, porém, as apropriações das tecnologias digitais e a convergência midiática (JENKINS, 2008) provocam mudanças impactantes nos modos de pensar, fazer e ensinar o Jornalismo. Esses processos multidimensionais permitem uma integração de ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens antes desagregadas, o que permite a elaboração, por parte dos jornalistas, de conteúdos para múltiplas plataformas por meio de distintas linguagens (SALAVERRÍA; AVILÉS; MASIP, 2008). O domínio das tecnologias digitais na produção de notícias também permite um contato maior dos jornalistas com as audiências, convertendo os leitores em interlocutores e colaboradores, o que, em conjunto com a integração das redações e a implantação das multiplataformas, caracteriza a convergência jornalística (SALAVERRÍA; NEGREDO, 2008). A incorporação de diferentes linguagens e suportes na maneira de trabalhar as informações, introduz distintas possibilidades de armazenamento, distribuição e consumo de notícias e gera novas funções e processos no ciberjornalismo, modalidade fundamentada por sistemas automatizados que permitem a composição de narrativas hipertextuais, multimídias e interativas (SCHWINGEL, 2012). As experiências que integram de forma complexa vários textos para criar uma narrativa tão ampla que não cabe em uma única mídia, nas quais cada texto contribui de maneira diferente para a compreensão das histórias fictícias e eventos que se desdobram em várias mídias, são nomeadas por Jenkins (2008) de *transmedia storytelling*. Na produção jornalística, os atuais ciclos de realimentação de conteúdos audiovisuais de televisão e internet na construção de notícias correspondem a uma das características mais inovadoras dos acontecimentos midiáticos. Um exemplo são as chamadas narrativas jornalísticas multimídias, as quais emergem como algumas das escrituras mais inovadoras do século XXI e trazem a promessa de uma renovação na forma de apresentar as notícias em portais de todo o mundo (BECKER; CASTRO, 2013).

A principal característica desses novos formatos de notícia é a multimídia, uma das seis categorias¹ que definem o jornalismo *on-line*, compreendida como a convergência dos formatos das mídias tradicionais (PALACIOS, 2002). As reportagens multimídia são produtos unitários e polifônicos com conteúdos expressos em diversos códigos textuais, nos quais imagens, sons e textos não são apenas justapostos, mas reunidos de forma integrada na transmissão da informação (SALAVERRÍA; NEGREDO, 2008). Essas peças são frutos de distintas habilidades profissionais, que vão desde o *design* de uma interface adequada até o planejamento dos níveis de interação com os usuários (ALBORNOZ, 2006). As narrativas multimídia também podem ser compreendidas como exemplos singulares de práticas contemporâneas do jornalismo audiovisual porque relatos jornalísticos que incorporam a linguagem audiovisual e recursos multimídia veiculados na TV e disponibilizados na Internet têm sofrido influências mútuas e passam por processos de hibridização mediados pelas tecnologias digitais (BECKER, 2009). Verifica-se um contínuo interesse do mercado e das pesquisas em jornalismo nesses experimentos, mas observa-se também que a disponibilização desses inventivos conteúdos e formatos ainda é tímida nos portais jornalísticos, porque essas produções são engenhosas e a simples transposição de conteúdos produzidos por outros suportes torna-se mais rápida e fácil no cotidiano das redações do que o aproveitamento pleno dos potenciais da hipertextualidade e da interatividade (CANAVILHAS, 2007). De qualquer modo, o reconhecimento do jornalismo multimídia como uma modalidade importante do século XXI já acontece na forma de prêmios que enaltecem as iniciativas de alguns jornais de todo o mundo na utilização dessa nova linguagem. Em abril de 2013, a reportagem *Snow Fall*², publicada no *New York Times* ganhou, em *Feature Writing* (Redação especial), o prêmio Pulitzer³, a mais prestigiada premiação de jornalismo e de algumas categorias artísticas dos Estados Unidos. A partir da compreensão das narrativas jornalísticas multimídia como uma das escrituras mais inovadoras do século XXI e da repercussão da reportagem *Snow Fall*, este artigo propõe uma reflexão sobre transformações que a mistura de linguagens e suportes impõem à formação profissional,

¹ As demais categorias ressaltadas pelo pesquisador são interatividade, hipertextualidade, personalização, memória e atualização (PALACIOS, 2002).

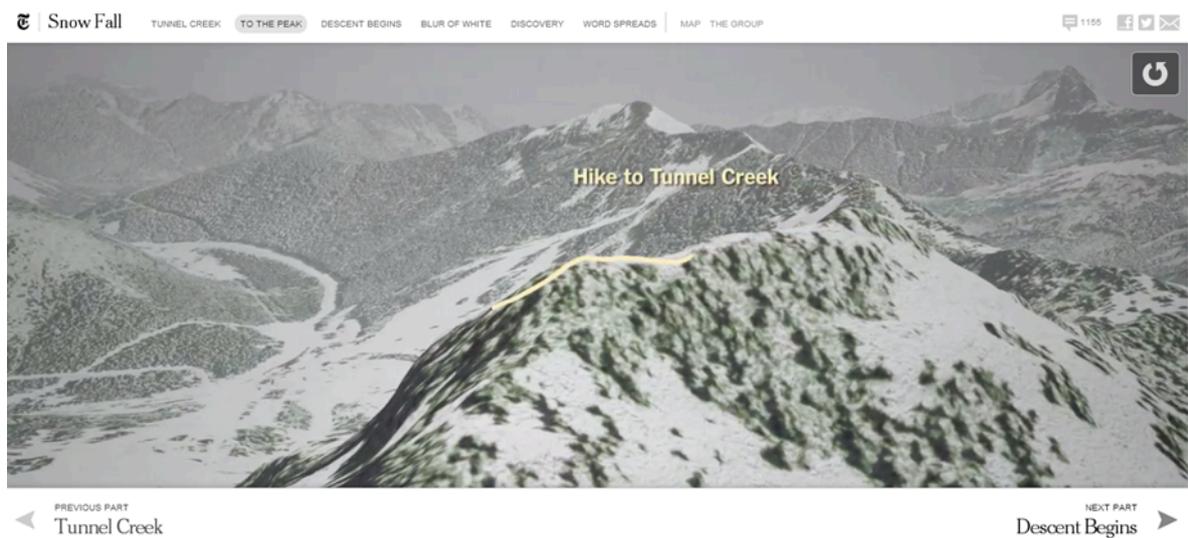
² Disponível em: <<http://www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall/#/?part=tunnel-creek>>. Acesso em: 13 jun. 2013.

³ Disponível em: <<http://www.pulitzer.org/citation/2013-Feature-Writing>>. Acesso em: 2 nov. 2012

focalizando desafios de cursos oferecidos no Brasil e em Portugal, mais especificamente as experiências de ensino do jornalismo na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e no curso de Ciências da Comunicação, Assessoria, Jornalismo e Multimídia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Snow Fall: um produto midiático que faz pensar

Snow Fall, que significa nevasca em português, conta de forma inovadora o desenrolar de uma avalanche de neve que aconteceu no estado de Washington, no norte dos Estados Unidos, em fevereiro de 2012 e que matou três dos 16 atletas que praticavam *snowboard* nas encostas do vale Tunnel Creek, nas montanhas Cascade. Publicada em dezembro de 2012, foi mundialmente reconhecida por sua linguagem criativa, que une áudio, vídeo, textos, fotos e animações.



Uma das páginas da reportagem *Snow Fall*

A reportagem se destacou não apenas pelo formato, mas também pela apuração, pela contextualização do acontecimento e pelas possibilidades de interação proporcionadas aos internautas. Após a tragédia, o jornal *The New York Times* publicou um artigo na capa da edição impressa sobre as recentes mortes causadas por nevascas, sobretudo entre os atletas das modalidades de *sky* e *snowboard*. Porém, o editor de

Esportes, Joe Sexton, percebeu a possibilidade de explorar a linguagem multimídia na construção dessa história⁴. O primeiro contato com os sobreviventes para a elaboração da reportagem, a qual demorou seis meses para ser produzida, foi feito em junho de 2012. Além do repórter John Branch, a equipe foi formada por 11 especialistas em gráficos e *design*, um fotógrafo, três pessoas responsáveis pelos vídeos e uma colaboradora de pesquisa. Apesar dos custos da produção da reportagem não terem sido revelados, certamente, foram altos. Além do prêmio Pulitzer, *Snow Fall* virou um marco na produção multimídia e chamou a atenção de pesquisadores.



Twitter do pesquisador Ramón Salaverria

Snow Fall também repercutiu em centros de pesquisa e *sites* que publicam artigos sobre a produção jornalística. Segundo o Observatório da Imprensa⁵ no Brasil, a reportagem virou um verbo e representa uma mudança no modo de pensar e fazer as reportagens multimídias. Foram destacados os vídeos que rodavam automaticamente quando o internauta rolava a página e o espaço para comentários, respondidos pelo próprio jornalista John Branch, que somaram mais de 1.150 até o início de julho de 2013⁶. A inovação da linguagem utilizada também conferiu à equipe responsável pela matéria uma medalha de ouro da *Society for News Design* (SND), uma organização

⁴ Disponível em: <<http://www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall/comments/>>. Acesso em: 13 jun. 2013.

⁵ Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/>>. Acesso em: 30 maio 2012

⁶ Disponível em: <<http://www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall/comments/>>. Acesso em: 13 jul.2013.

internacional de novos profissionais da mídia que realiza uma premiação anual aberta para jornais e revistas de melhor uso digital de *design*. Os jurados ressaltaram que “essa história abrange muitas discussões sobre as formas alternativas de *storytelling*. Todos estavam falando sobre isso quando ela surgiu. É impressionante o impacto que *Snow Fall* teve em outras redações, mesmo para os jornalistas que não usam o audiovisual”⁷.

A matéria do *The New York Times* revela que a possibilidade de integração de som, imagem fixa e em movimento, texto verbal e infográfico enriquece uma reportagem na *web*. A construção de reportagens mais contextualizadas e inventivas é uma ação de resistência ao imediatismo e à velocidade dos fluxos de informação que tendem a esvaziar os valores simbólicos das notícias (BECKER, 2012). A exploração de diferentes formatos de linguagem em um mesmo suporte permite o esclarecimento de fatos e/ou de sistemas de difícil entendimento por meio de infográficos e vídeos. A quebra da linearidade desperta interesse e envolvimento e permite ao usuário percorrer um caminho próprio de leitura dos acontecimentos. Porém, a premiada reportagem mostra que os experimentos multimídia exigem investimentos em trabalho de equipe interdisciplinar e integrada que pensa a forma a partir do conteúdo nas rotinas produtivas do jornalismo, envolvendo profissionais qualificados de diferentes áreas como engenharia da computação e *designers* gráficos.

Em pesquisa anterior (BECKER; CASTRO, 2013) foi possível observar que as produções multimídias requerem recursos financeiros expressivos não somente por causa do custo de equipes especializadas, mas também em função das ferramentas utilizadas e do tempo de produção. Esses experimentos demandam, em média, de 15 dias a um mês para ficarem prontos e experiências como o *Snow Fall*⁸ podem levar até seis meses para serem publicadas. Desse modo, não há uma tendência de aproveitamento desse tipo de linguagem nas chamadas *Hardnews*. As reportagens multimídia estão, geralmente, inseridas na editoria internacional ou de cultura dos *sites* jornalísticos. Mesmo quando são reunidas na seção Multimídia de um determinado portal, não costumam ser destacadas na página principal. A busca por essas produções é uma espécie de “caça ao tesouro”, o que dificulta não só o desenvolvimento de

⁷ Disponível em: <<http://www.snd.org/2013/02/snd34-best-of-digital-design-the-new-york-times-wins-a-gold-medal-for-snow-fall/>>. Acesso em: 15 maio 2013.

⁸ Reportagem publicada em dezembro de 2012 pelo Jornal Americano *The New York Times* que virou ícone internacional do jornalismo multimídia. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall/>>. Acesso em: 13 jun.2013.

trabalhos de pesquisa, mas o contato do leitor com esse tipo de experiência. Os especiais multimídias podem ser comparados com as reportagens especiais veiculadas na TV, no rádio ou publicadas nos jornais impressos. De fato, há uma expansão do uso de recursos multimídia nos portais, mas a maioria das reportagens que utiliza a linguagem audiovisual e recursos multimídia ainda é apresentada apenas com combinações de textos verbais e fotos sem periodicidade constante. Além disso, a leitura dessas matérias também apresenta dificuldades técnicas porque o carregamento das páginas é demorado; por integrarem diferentes tipos de linguagens, estas páginas são mais “pesadas” do que aquelas dos jornais onde apenas uma ou duas formas de linguagem são exploradas. De qualquer modo, observa-se que os modos atuais de produção, gestão e circulação de conteúdos jornalísticos multimídia são mais do que uma euforia tecnológica. A integração de diferentes linguagens e suportes tem resultado em inovações estéticas associadas à pluralidade de fontes, à diversidade de atores sociais e à contextualização dos acontecimentos (BECKER, 2009), constituindo-se como experiências singulares de um jornalismo audiovisual de qualidade na contemporaneidade, e também provocam indagações sobre o atual Ensino de Jornalismo.

Convergência jornalística e processos de aprendizagem

A relação universidade/ mercado nunca foi despida de tensões e antagonismos. Hoje, porém, as narrativas multimídia acentuam as reflexões sobre a adequação do ensino do Jornalismo às mudanças das rotinas produtivas. O ritmo acelerado da expansão das tecnologias digitais deixou os cursos de Graduação defasados em relação às exigências do mercado em todo o mundo. Universidades com décadas de existência enfrentam o desafio de reavaliar suas propostas pedagógicas. Pesquisadores consideram que “a digitalização é uma excelente oportunidade para se romper uma longa história de desencontros entre o ensino do jornalismo e as empresas jornalísticas” (CANAVILHAS, 2009, p. 55). E especialistas de diversos países focalizam o ensino como objeto de estudo para tentar identificar desafios e apontar perspectivas para a formação profissional em Jornalismo na atualidade. Há uma percepção de que o aperfeiçoamento dos cursos de jornalismo, por meio das atividades de ensino, pesquisa

e extensão realizadas nos laboratórios e de disciplinas que integram teoria e prática, pode colaborar para uma prática profissional de maior qualidade (BECKER, 2012; QUEIROGA, 2010; MARINHO; PINTO, 2006). Mas o desenvolvimento dessas atividades exige muito esforço por parte dos professores e dos alunos, como afirma o coordenador do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Fabio Mario Iorio: “Desde que os efeitos das tecnologias digitais passaram a ser concretos no mercado de trabalho e na formação profissional nós estamos acompanhando essas mudanças. Um exemplo é a *webtv* da UERJ, que existe há mais de dez anos, mas de forma precária, sem recursos materiais, humanos e tecnológicos”⁹.

A necessária renovação da formação profissional provocada pelos efeitos da convergência nas rotinas produtivas tem sido discutida em fóruns especializados em diferentes universidades do Brasil e no exterior. A Rede Ibero-americana de Comunicação Digital (ICOD) tem contribuído para esse debate desde sua criação, em 2003, com o objetivo de elaborar propostas concretas para acelerar a adaptação dos cursos de Comunicação à nova realidade digital, integrando universidades da Espanha, Argentina, Portugal, Cuba, Brasil, França e Itália¹⁰. Segundo a ICOD, há três modelos de incorporação dos conteúdos digitais pelas universidades, os quais permitem identificar como elas têm enfrentado o desafio digital: cursos oferecidos por instituições com perfis tradicionais que começam a incluir disciplinas teóricas e práticas sobre a digitalização no Jornalismo; cursos que reorganizam os planos de ensino e os conteúdos para atender às novas demandas; e cursos onde os processos de digitalização da informação aparecem transversalmente na grade curricular. Para a Rede, essa assimetria decorre de fatores internos e externos às universidades¹¹ (ICOD, 2006). Os fatores externos são as pressões do mercado, a penetração das tecnologias de informação e comunicação (TIC) nas rotinas produtivas, as políticas estatais associadas ao ensino e à pesquisa e as exigências da própria sociedade na qual a universidade está inserida. Entre os fatores internos, a não adequação do perfil tradicional do corpo docente para o ensino da produção de notícias no ambiente digital é ressaltada. Uma das saídas encontradas

⁹ Entrevista concedida aos bolsistas PIBIAC da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Aline Bittencourt, Patrícia Valle, Isabella Catão, Yasmine Adoracion e Yuri Hutflesz, orientados pela professora Beatriz Becker no desenvolvimento de seu projeto de pesquisa *Mídia e Jornalismo como forma de Conhecimento: do mito da imagem ao diálogo audiovisual* (2012-2013).

¹⁰ Disponível em: <<http://www.icod.ubi.pt/home.html>>. Acesso em: 24 abr. 2013.

¹¹ Rede Iberoamericana de Comunicação Digital. Disponível em: <<http://www.icod.ubi.pt/home.html>>.

pelas universidades é a inclusão de disciplinas que tratam do campo digital, mas esse processo não tem seguido um planejamento adequado¹². Para o professor Elias Machado, o aperfeiçoamento dos Cursos de Jornalismo depende de um processo de formação articulado para que o futuro profissional possa compreender o que significa trabalhar em uma sociedade mediada pela tecnologia digital¹³.

De fato, o Ensino de Jornalismo demanda uma formação teórica sobre a configuração digital da sociedade, mas também deve proporcionar um domínio relativo de técnicas básicas de produção, gestão e consumo da informação noticiosa em diferentes linguagens. Segundo Santos e Tonus (2010), as empresas buscam um jornalista convergente ou uma espécie de “Clark Kent pós-moderno” capaz de construir narrativas a partir de programação para *web* e utilização de *softwares*. A necessidade do jornalista do século XXI de desempenhar inúmeras funções ao mesmo tempo, como, por exemplo, escrever, editar, gravar um vídeo e postá-lo, já foi incorporada ao perfil desse novo profissional exigido pelo mercado. Para as pesquisadoras, se as empresas veem nesse profissional convergente uma forma de reduzir custos e manter a lucratividade, as condições de trabalho e a remuneração tendem a se tornar mais frágeis (SANTOS; TONUS, 2010). Entretanto, para o jornalista André Deak, coordenador do *site* [Jornalismodigital.org](http://www.jornalismodigital.org)¹⁴, essa imagem do repórter do século XXI já se mostrou ineficiente porque esse modelo não funciona e produz jornalismo de má qualidade, superficial, descontextualizado¹⁵.

Observa-se que os processos de aprendizagem de usos de tecnologias digitais não devem ofuscar as práticas jornalísticas tradicionais, tampouco a dimensão teórica e a singularidade do jornalismo como forma de conhecimento. A problematização do ensino demanda repensar o jornalismo como atividade intelectual e produtiva, compreendido como um campo distinto de pesquisa e ensino capaz de colaborar para a compreensão dos fenômenos de comunicação e do mundo com metodologias de análise

¹² Disponível em: <http://www.icod.ubi.pt/pt/pt_proyecto_presentacion.html>. Acesso em: 22 maio 2013.

¹³ Entrevista disponível em: <http://www.icod.ubi.pt/pt/pt_mediateca_machado.html>. Acesso em: 11 jun. 2013.

¹⁴ Jornalismo digital.org é um *site* dedicado à análise de produções do jornalismo *on-line*, mas funciona como ambiente de apoio à formação dos estudantes na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Disponível em: <<http://www.jornalismodigital.org/quem-somos/>>. Acesso em: 30 jun. 2013.

¹⁵ Disponível em: <<http://www.andredeak.com.br/2008/10/21/jornalismo-multimedia-online-20-jornalismo-digital-etc/>>. Acesso em: 30 jun. 2013.

e estudos de caso próprios (BECKER, 2011; CANAVILHAS, 2009; MEDITSCH, 2007). Mas esse processo não se constitui como tarefa simples e sofre uma resistência dos próprios professores, porque “as transformações ocasionadas pela cultura informática exigem do docente/pesquisador uma disposição para revisão e/ou atualização teórica e metodológica sem precedentes na história” (RAMADAN, 2001, p. 4). Nesse sentido, o ensino na Graduação deve ser fomentado pela pesquisa e por interações com os cursos de Pós-Graduação (MARTINS; STURZA, 2010).

No entanto, uma discussão bem-sucedida sobre a renovação dos processos de aprendizagem do exercício da profissão implica assumir ainda que as narrativas multimídia já indicam outros modos de organizar o pensamento e as representações dos acontecimentos, o que exige uma integração maior dos professores e dos currículos, assim como dos estudantes e de representantes do mercado (DEUZE, 2004). As possibilidades de produção de informação na atualidade são imensas, especialmente por meio de usos da linguagem multimídia e de apropriações de novas mídias, as quais abrem espaço para a produção de conteúdos amadores, o que não substitui o exercício do jornalismo porque “um profissional capacitado, técnica, teórica e eticamente, fará um trabalho melhor do que um amador” (MEDITSCH, 2012, p. 130) nos processos de apuração, produção e disponibilização de conteúdos e formatos jornalísticos.

Compreende-se que as instituições enfrentam de modos diferentes as demandas por um aperfeiçoamento da formação profissional. Porém, os estudos de caso podem contribuir para ampliar percepções e perspectivas para o ensino do jornalismo em todo o mundo, por meio de um investimento na internacionalização das pesquisas. Apresentamos em seguida os primeiros resultados de uma investigação, em desenvolvimento, sobre o ensino de jornalismo audiovisual na Graduação da Escola de Comunicação da UFRJ e no curso de Ciências da Comunicação, Assessoria, Jornalismo e Multimídia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. A escolha dessas universidades parte do reconhecimento da qualidade dos cursos oferecidos em seus respectivos países e das experiências pessoais de trabalho e de estudo das autoras nessas instituições. Além da revisão bibliográfica, aqui sistematizada, foram realizadas análises dos currículos e entrevistas com coordenadores, professores e alunos, algumas registradas em vídeo. Os resultados alcançados são expressos em seguida, sem qualquer pretensão de esgotar esse debate.

Aproximações e distanciamentos

O Projeto que estabelece as novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para os Cursos de Jornalismo no Brasil foi aprovado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) em 2013¹⁶, a exemplo dos cursos de Cinema e Audiovisual, que têm diretrizes próprias desde 2006. O projeto destaca a singularidade da formação em Jornalismo, define que os cursos passam a ser designados como Cursos de Bacharelado, e não mais como uma habilitação do Curso de Comunicação Social, e indica a necessidade de reavaliação e reconstrução de propostas pedagógicas. As novas Diretrizes e a recente decisão do Supremo Tribunal Federal sobre a não obrigatoriedade do diploma para o exercício do Jornalismo têm implicado polêmicas. Diversos representantes de entidades profissionais e acadêmicas manifestaram apoio ao texto elaborado pela Comissão de Especialistas, como a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), o Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ) e a Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). Para a maioria dos professores, a qualidade da formação profissional implica a associação de conteúdos teóricos e práticos e atividades de pesquisa e laboratoriais orientadas por professores com formação adequada. Segundo o coordenador do curso de Jornalismo da PUC-Rio, professor Leonel Aguiar, uma das questões mais interessantes da história da humanidade é saber reconhecer as diferenças como um processo político e não desmanchar as diversas áreas de conhecimento numa pretensa homogeneização do conhecimento, porque sem a delimitação de fronteiras entre os saberes qualquer professor pode dar radiojornalismo ou telejornalismo sem formação adequada para um futuro profissional¹⁷.

¹⁶ O parecer aprovado pelo CNE que, após homologação do MEC, determinou as novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para os cursos de Jornalismo está disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=18550&Itemid=866#fevereiro>. A decisão foi publicada no Diário Oficial da União em setembro de 2013, disponível em: <http://www.in.gov.br/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=10&data=12%2F09%2F2013>>. Acesso em: 12 set.2013.

¹⁷ Entrevista concedida aos bolsistas PIBIAC da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Aline Bittencourt, Patricia Valle, Isabella Catão, Yasmine Adoracion e Yuri Hutflesz, orientados pela professora Beatriz Becker. *Op. Cit.*

Duas entidades se manifestaram contrárias à proposta de Diretrizes: a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS) e a Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social (ENECOS). A COMPÓS, em acordo com a versão original do parecer do CNE, afirma que o texto da Comissão de Especialistas apresenta uma perspectiva “separatista” que não contribui para a formação do jornalista ou para a consolidação da área da Comunicação no Brasil, e reflete um pensamento tecnicista e disciplinar em desacordo com a tendência mundial de recortes mais amplos dos objetos de estudo, o que não favorece o pensamento crítico, nem a formação de um comunicador polivalente. A Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social (ENECOS) é contrária à existência de Diretrizes Curriculares Nacionais específicas para os cursos de jornalismo porque colaboram para a “separação” das habilitações que hoje compõem a Comunicação Social e para a consequente extinção da área. E critica também a forma pela qual o processo de discussão das Diretrizes foi conduzido, por não possibilitar ampla participação dos interessados.

Os diferentes pontos de vista e debates sobre as DCNs, o valor do registro profissional e o Ensino são relevantes para repensar a área da Comunicação e o campo do Jornalismo. Hoje, os cursos de Jornalismo são alguns dos mais procurados, e exigem dos candidatos notas cada vez mais altas para a conquista de uma oportunidade de estudar nas instituições federais e estaduais de ensino superior. Mas apesar dessa concorrência, esses cursos precisam rever suas grades curriculares para alcançarem maior qualidade. Nem sempre acompanham as mudanças nos modos de produzir as notícias enfrentadas pelos jornalistas no mercado de trabalho e tampouco oferecem aos alunos oportunidades de conhecerem e utilizarem tecnologias digitais de comunicação e informação de maneira crítica e criativa, em acordo com a avaliação de entrevistas realizadas com os próprios bolsistas que participaram do projeto de pesquisa da professora Beatriz Becker, desenvolvido na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ). Segundo a recém-graduada Patrícia Valle, as grades estão defasadas e precisam ser atualizadas, ampliando a oferta de aulas práticas. Para as alunas Yasmine Adoracion Batista e Isabella Catão Pereira, entretanto, existe uma disciplina obrigatória no Curso da ECO, sobre jornalismo audiovisual, que integra teoria e prática de maneira adequada, o que consideram essencial para a formação dos

estudantes. No entanto, ressaltam que esta disciplina é oferecida apenas no sexto período, o que impede que os futuros jornalistas possam conhecer e experimentar os códigos audiovisuais na construção das notícias desde o início do Curso de Jornalismo. A oferta da disciplina em fases iniciais do curso contribuiria até mesmo para suas escolhas profissionais. A estudante Alyne Bittencourt Neves, como outros bolsistas, afirma que seria muito importante que os alunos de jornalismo tivessem experiências de ensino cada vez mais multidisciplinares, integrando conteúdos de outras habilitações da área da Comunicação e de outros campos de saber ao longo dos diferentes períodos¹⁸.

Segundo a Coordenadora do Curso de Jornalismo da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ), professora Cristiane Costa, não só os cursos, mas a própria imprensa está em adaptação, porque o jornalismo tem se transformado de maneira muito rápida. Para Cristiane o mercado exige que os futuros profissionais saibam atuar em diferentes mídias, enquanto o currículo da ECO-UFRJ ainda é muito engessado no papel, pois só oferece uma disciplina de mídias digitais e a formação dos professores é segmentada. “É difícil contratar professores especializados [...]. Os conhecimentos estanques não combinam com o mundo hoje [...]; eu sou contra ter um curso de Jornalismo em separado. Talvez, a gente possa pensar em uma nova habilitação, que seria Mídias Digitais”¹⁹.

As primeiras discussões sobre a necessidade de reestruturação do Curso de Jornalismo, que reúne o maior número de estudantes de Graduação da Escola de Comunicação da UFRJ, com mais de 300 matrículas ativas, já foram iniciadas em reunião de professores para pensar em conjunto as transformações curriculares necessárias, mas também para tentar otimizar a falta de espaços e equipamentos devidos para as aulas, ampliar a oferta de laboratórios e reorganizar o limite de carga-horária, já ultrapassada pela maioria dos docentes. Os usos do computador e da Internet impõem novos desafios não só para a Habilitação de Jornalismo, mas também para o Curso de Comunicação Social na UFRJ. Seguindo a determinação do MEC estabelecida na

¹⁸ Por um lado, esses depoimentos apontam questões importantes para uma reavaliação da proposta pedagógica do Curso de Jornalismo da ECO-UFRJ. Por outro, indicam a necessidade de investigar de maneira mais ampla as vozes e aspirações dos estudantes sobre o ensino do jornalismo audiovisual no desenvolvimento do atual estudo dos referidos Cursos do Brasil e de Portugal, por meio da aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas *on-line* e presenciais, previstos para um segundo momento desta investigação.

¹⁹ Entrevista concedida aos bolsistas PIBIAC Alyne Bittencourt, Patricia Valle, Isabella Catão, Yasmine Adoracion e Yuri Hutflesz em 2013, orientados pela professora Beatriz Becker. *Op. Cit.*

resolução do Conselho de Ensino de Graduação (CEG) da UFRJ N° 06/2012I, foi criado o Núcleo Docente Estruturante da Escola de Comunicação (ECO) com os principais objetivos de elaborar o Projeto Pedagógico do curso, zelar pela integração curricular interdisciplinar e pelo cumprimento das DCNs para os Cursos de Graduação, entre outras funções associadas às atividades de ensino, pesquisa e extensão. Porém, essas atribuições são complexas e o Núcleo ainda atravessa um período de organização de sua dinâmica de trabalho. No entanto, sua criação indica a urgência de repensar essas questões.

Em Portugal, o primeiro curso superior de jornalismo surgiu em 1979, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Coimbra. E nas últimas três décadas, o número de cursos em instituições públicas e privadas aumentou de maneira considerável. O advento da internet e as constantes demandas do mercado provocaram alterações nos currículos, como aconteceu em outros países. Mas a entrada em vigor do Processo de Bolonha²⁰ no ano de 2006 provocou transformações obrigatórias nas grades curriculares ainda mais expressivas. Segundo Canavilhas (2009), esse processo provocou uma reação positiva das instituições de ensino superior portuguesas, tipicamente conservadoras à nova realidade digital. As mudanças que levaram a um ensino mais direcionado para o mercado não ocorreram de maneira imediata. Porém, o novo perfil da formação em Jornalismo mais orientado para a prática profissional, em acordo com exigências das empresas, implicou a supressão de disciplinas teóricas importantes. Além disso, em um país onde não há obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão, a distância entre os jornalistas formados nas redações da imprensa tradicional e os recém-graduados formados sob a lógica do uso das novas tecnologias nas práticas jornalísticas ficou cada vez mais evidente. O Ensino Superior de Jornalismo passou a ter apenas uma opção: valorizar os conteúdos programáticos para justificar a importância e a qualidade dos cursos na formação dos futuros profissionais em um mercado livre e competitivo (CANAVILHAS, 2009).

Nesse contexto, o coordenador do curso de Ciências da Comunicação, Assessoria, Jornalismo e Multimídia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, professor Paulo Frias, explica que o grande desafio da formação em Jornalismo é a

²⁰ O objetivo do processo de Bolonha foi introduzir um sistema para facilitar o reconhecimento e a comparação de graus acadêmicos, colaborando para a mobilidade de estudantes, professores e investigadores dos países membros da comunidade europeia.

busca da complementaridade entre diferentes áreas do saber. A instituição de ensino portuense concebe o ensino de jornalismo como um sistema multidisciplinar que carece de uma sólida formação de base na área das Humanidades e também de uma contribuição efetiva de outras áreas científicas como as Tecnológicas, as Artes e a Economia. Segundo o coordenador, a criação do curso de Comunicação na Universidade do Porto, em 2001, através da parceria entre quatro faculdades distintas – Letras, Engenharia, Belas-Artes e Economia –, foi uma resposta à falta de integração de diversos campos de conhecimento nos cursos superiores de Jornalismo. No entanto, entende ele que os principais desafios que o ensino de jornalismo enfrenta na atualidade são decorrentes dos efeitos da convergência: “A imagem do jornalista acorrentado à escrita de textos para papel ou outros meios audiovisuais não se coaduna com as novas realidades da produção mediática, muito mais centrada no jornalismo *on-line* [...] e na criação de novos paradigmas e linguagens”²¹.

O estudo revela que as grades curriculares analisadas ainda não contemplam de maneira plena o ensino do jornalismo audiovisual. Ambos os cursos estão ainda situados entre o primeiro e o segundo modelos sistematizados pela Rede ICOD. São cursos oferecidos por instituições com perfis tradicionais que têm inserido disciplinas teóricas e práticas sobre a digitalização no Jornalismo e, que, ao mesmo tempo, começam a refletir sobre a necessária readequação dos conteúdos, programas e ementas para atender às atuais demandas.

Compreende-se que os desafios enfrentados pelo Ensino Superior de Jornalismo na Universidade do Porto estão inscritos em um contexto com características culturais, políticas e econômicas distintas das experiências brasileiras, porém, a busca de soluções para o aperfeiçoamento do ensino de Jornalismo não está restrita ao Brasil e a Portugal. É possível observar que os desafios enfrentados pelos Cursos transcendem fronteiras nacionais e já se constituem também como objeto de estudo relevante nas investigações em Jornalismo em todo o mundo.

Considerações Finais

²¹ Entrevista concedida às autoras.

Iniciativas de internacionalização de pesquisas no campo podem contribuir para a troca de experiências e apontar perspectivas para o Ensino. Identifica-se que a atualização dos processos de aprendizagem demanda a criação de relações mais dialógicas e conteúdos inter e transdisciplinares na formulação das grades curriculares, sem o esvaziamento da singularidade do Jornalismo como prática social, campo de pesquisa e forma de conhecimento. As reportagens multimídia podem ser consideradas algumas das formas mais inovadoras das escrituras do século XXI e reafirmam a necessidade do estabelecimento de parcerias entre áreas de saber distintas, capazes de proporcionar aos estudantes domínios relativos de conteúdos e técnicas complementares importantes para a elaboração de matérias mais inventivas e contextualizadas, como na referida reportagem *Snow Fall*.

Pretende-se indicar sugestões concretas para uma atualização das grades curriculares no ensino do jornalismo audiovisual na conclusão dessa pesquisa. Porém, este estudo já revela que o aprimoramento dos cursos de Jornalismo implica a inclusão de disciplinas obrigatórias nas grades menos segmentadas por suportes que proporcionem possibilidades de aprendizado teórico e prático do jornalismo audiovisual e de utilização de linguagens híbridas e diferentes mídias na construção de notícias. Por essa razão, os laboratórios são ambientes relevantes para a formação profissional, demandam apoios institucionais e devem estar vinculados às pesquisas desenvolvidas pelos docentes. Afinal, a universidade não deve oferecer aos estudantes uma formação profissional que atenda apenas às necessidades do mercado, mas, sim, um ensino inovador que proporcione a eles condições para experimentarem modos inventivos de construção de notícias, contribuindo para a elaboração de narrativas jornalísticas multimídia mais críticas e criativas no breve amanhã.

Agradecimentos

Agradecemos à colaboração no levantamento de dados relevantes para esse estudo da bolsista PIBIC Laura Maia de Castro e dos bolsistas PIBIAC Alyne Bittencourt, Patrícia Valle, Isabella Catão, Yasmine Adoracion e Yuri Hutflesz, os quais participaram do projeto de pesquisa da professora Beatriz Becker *Mídia e Jornalismo como forma de Conhecimento: do mito da imagem ao diálogo audiovisual* (2012-2013).

Referências

ALBORNOZ, Luis. **Periodismo digital**: los grandes diarios en la Red. Buenos Aires: La Crujía, 2006.

BECKER, Beatriz. Mídia e Jornalismo como formas de conhecimento: uma metodologia para leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais. **Revista Matrizes**, São Paulo: USP, v. 5, n. 2, 2012.

_____. Jornalismo audiovisual de qualidade: um conceito em construção. **Estudos em jornalismo e mídia**, Florianópolis, v. 6, n. 2, 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/11336>. Acesso em: 7 jul. 2013.

_____. Desafios da profissão, do Ensino e da pesquisa. *In*: KISHINHEVSKY, M.; IORIO, F.; VIEIRA, J. P. D. (Org.). **Horizontes do Jornalismo**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2011.

BECKER, Beatriz; CASTRO, Laura Maia. **Innovative writing of the 21st Century**: Multimedia Journalism and education. Trabalho selecionado para ser apresentado na International Association of Communication and Media Research- Journalism Research and Education, Dublin, 2013. Disponível em: <<http://www.iamcr2013dublin.org/conferences/keyword/182?sort=keyword&order=desc>>. Acesso em: 7 jul. 2013.

CANAVILHAS, João. Ensino do jornalismo: o digital como oportunidade. *In*: FIDALGO, J.; MARINHO, S. (Org.). **Jornalismo**: Mudanças na Profissão, Mudanças na Formação. Portugal: Universidade do Minho, 2009.

_____. **Webnoticia**: proposta de Modelo Periodístico para la www. Covilhã, LabCom, 2007. Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110823-canavilhas_webnoticia_final.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2013.

DEUZE, Mark. What is multimedia journalism? **Journalism Studies**, v. 5, n. 2, 2004. Disponível em <http://www.academia.edu/709236/What_is_Multimedia_Journalism>. Acesso em: 22 jun. 2013.

_____. Global Journalism Education. **Journalism Studies**, v. 7, n. 1, 2006. Disponível em : <http://dl.franko.lviv.ua/medialiteracy/global_education.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2013.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

MARINHO, Sandra; PINTO, Manuel. **Does journalism education make a difference?** Paper delivered to International Association for Media Communication Research - Professional Education Section, Cairo, 2006.

MARTINS, Gerson Luiz; STURZA, Catarine. Influência do ciberjornalismo na formação dos estudantes dos cursos de jornalismo de Mato Grosso do Sul. *In*: XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste. **Anais...** Goiânia, 2010.

MEDITSCH, Eduardo. **Pedagogia e Pesquisa para o Jornalismo que está por vir, a função social da universidade e os obstáculos para a sua realização**. Florianópolis: Insular, 2012.

_____. Novas e velhas tendências: os dilemas do ensino de jornalismo na sociedade da informação. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v. 1, n. 1, abr.-jul. 2007.

PALÁCIOS, Marcos. Jornalismo Online, informação e memória: apontamentos para debate. **Revista PJ: Br Jornalismo Brasileiro**, São Paulo, n. 4, 2002. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos4_f.htm>. Acesso em: 3 fev. 2013.

QUEIROGA, Tony. Transformações no saber-fazer dos jornalistas a partir do digital: reflexos na formação profissional. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Ponta Grossa, v. 1, n. 7, jun.-dez. 2010.

RAMADAN; Nancy. Reflexões sobre o ensino de jornalismo na era digital. *In*: XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...** Campo Grande, 2001.

SALAVERRÍA, R.; AVILÉS, J. A. G.; MASIP, P. M. Convergencia periodística en los medios de comunicación. Propuesta de definición conceptual y operativa. *In*: I Congreso AE-IC. **Actas...** Santiago de Compostela, 2008. Disponível em: <<http://www.ae-ic.org/santiago2008/contents/pdf/comunicaciones/134.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2013

SALAVERRIA, Ramón; NEGREDO, Samuel. **Periodismo Integrado, convergência de médios y reorganización de redacciones**. Barcelona: Editorial Sol 90, 2008.

SANTOS, Adriana Cristina Omena; TONUS, Mirna. Breve panorama da inserção das tecnologias da informação e comunicação na formação de jornalistas em Uberlândia, MG. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Ponta Grossa, v. 1, n. 7, jun.-dez. 2010. Disponível em: <<http://www.fnpij.org.br/rebej/ojs/index.php/rebej/article/viewFile/175/127>>.

SCHWINGEL, Carla. **Ciberjornalismo**. São Paulo: Paulinas, 2012.